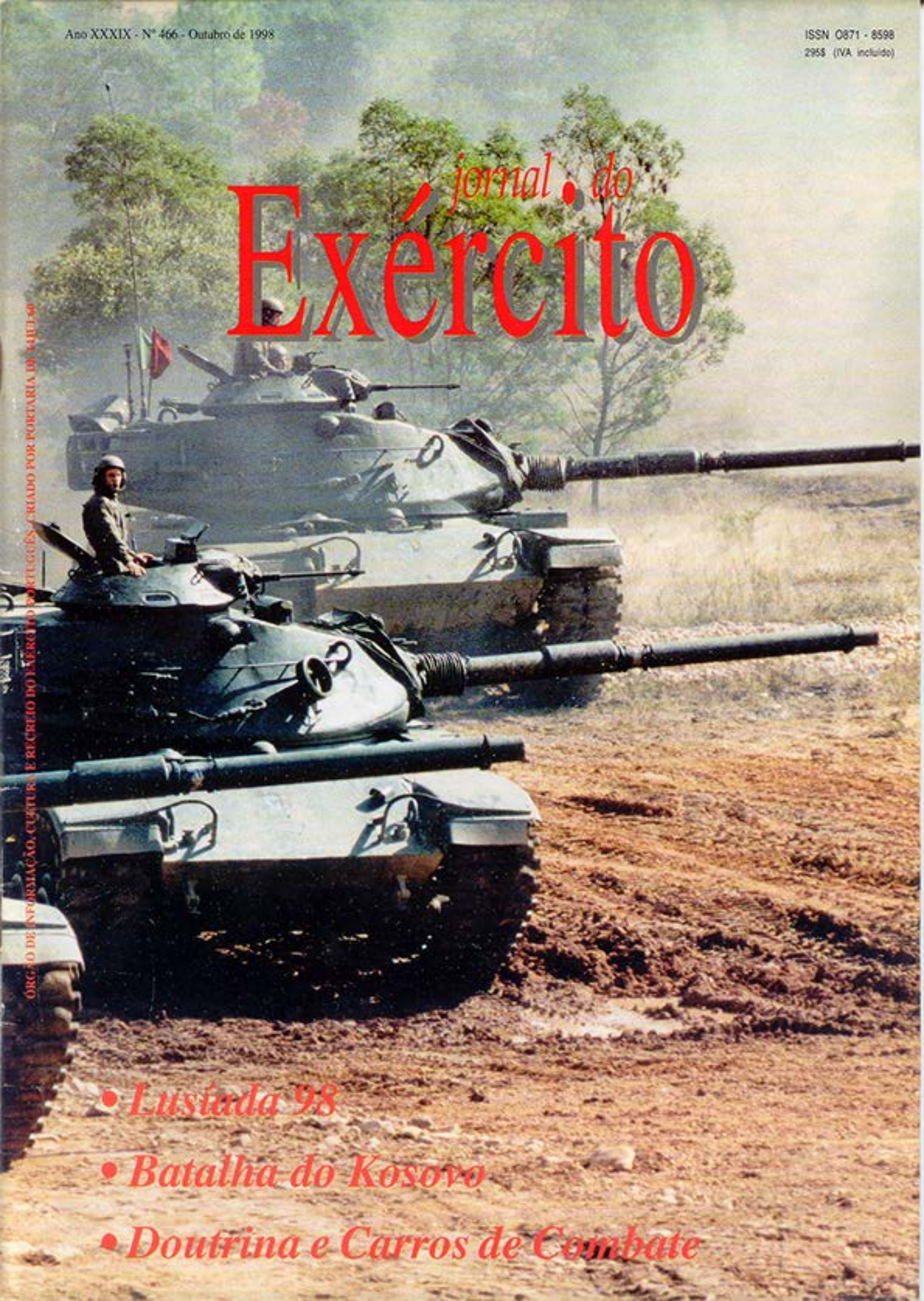


The background of the cover is a photograph of two M60 tanks in a dry, open field. The tank in the foreground is dark green and has a soldier sitting on its turret. The tank in the background is lighter green. The title 'jornal do Exército' is overlaid on the image in red text.

jornal do Exército

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS - CRIADO POR PORTARIA DE 14 JUL 60

- *Lusíada 98*
- *Batalha do Kosovo*
- *Doutrina e Carros de Combate*

Operações de Apoio à Paz

Dois comandantes falaram vivida em diferentes

Com o regresso, em princípios do Verão do corrente ano, tanto do 1º BIAT, comandado por Gomes Leitão, o primeiro, do TO da Bósnia-Herzegovina, em 16 de de Julho, de Angola, um melhor esclarecimento sobre o emprego das nossas forças fora do Território Nacional à Paz sob a égide da ONU, honraram o nome de Portugal nos seus compromissos internacionais. Ao Comando Operacional das Forças Terrestres (COFT) aqui fica registado o nosso

Entrevista ao Comandante do 1º BIAT

P Para integrar a FND/SFOR na III fase da Operação "Joint Guard" iniciou-se, em 30 de Dezembro de 1997, o deslocamento para o Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina do 1º Batalhão de Infantaria Aerotransportado (1º BIAT) da Brigada Aerotransportada Independente (BAI), com um total de 321 homens e constituído por 3 companhias, sendo duas de Atiradores (CAAt) e uma de Comando e Serviços (CCS).

Uma CAAt e a parte proporcional da CCS ficaram estacionadas em Rogatica, junto ao Posto de Comando do Batalhão; a outra CAAt e a maior parte da Companhia de Comando e Serviços, em Vitkovici, local da maior parte dos depósitos do Batalhão. A CCS assegurou um pequeno destacamento em Sarajevo, estabelecendo a ligação com a Brigada Italiana e com os serviços franceses do aeroporto, com pessoal do seu pelotão de reabastecimento e transportes.

JE - Estando a missão atribuída na continuidade das missões de outros batalhões, considera que a experiência adquirida potenciou a instrução e o planeamento no levantamento do seu batalhão?

J.C. - Tenho a certeza que assim é. A instrução e o seu planeamento foram directamente influenciados pela experiência dos outros batalhões, que nos precederam, e concretamente pelas acções desenvolvidas pelo batalhão anterior ao nosso, já que, desde muito cedo, iniciámos

um trabalho concorrente com o 2º BIMec.

A existência no Batalhão de pessoal com experiência de missões OTAN e outras já realizadas na Bósnia-Herzegovina, tais como a Missão da União Europeia, a UNPROFOR, possibilitou que a instrução fosse mais exigente nos pontos concretos desta missão específica, facilitando a formação e qualificação de graduados e praças. Os aspectos referidos já vinham sendo trabalhados pelo Batalhão nos exercícios executados no último ano, antes da nomeação oficial para a missão na Bósnia-Herzegovina.

A partir de Setembro de 1997, com o apoio do Comando de Instrução, de Escolas Práticas e de Centros de Instrução, foi

possível intensificar e ministrar os diferentes cursos especializados ao pessoal e adequados aos equipamentos existentes no Teatro de Operações. Apesar de iniciarmos estas qualificações no período de férias de muitos instrutores, foi agradável verificar que, mesmo assim, houve uma colaboração intensa e muitas vezes com prejuízo do seu merecido descanso. Também foi possível beneficiar da experiência dos elementos pertencentes aos outros batalhões da Brigada Aerotransportada Independente, com os quais vínhamos a trabalhar em conjunto durante todo o último ano, participando em todos os exercícios da série "Tejo".

Os retransmissores da Divisão, da Brigada e do Batalhão, em Jobuka



am da sua experiência teatros de operações

dado pelo Tenente-Coronel Joaquim Cuba, como da CLog 6, comandada pelo Major la, a segunda, em 27 de Julho, o *Jornal do Exército*, no intuito de trazer aos seus leitores nal, ouviu os comandantes daquelas Unidades que, integradas em Operações de Apoio nacionais.

apreço pela colaboração que tornou possível a apresentação deste trabalho.

De salientar a acção particular do 3º BIAT, agora extinto, que participou na nossa preparação durante a realização dos dois exercícios finais na Padrela (Tejo 972) e em Bragança (Tejo 973), constituindo dois grupos de forças, sendo um de cenário e outro de avaliação. Podemos afirmar que fomos postos à prova com questões muito exigentes e diferentes do que esperaríamos, de acordo com a sua experiência vivida no mesmo Teatro de Operações, mas em situação diferente. O exercício em Bragança foi muito interessante e motivador, e é justo referir que se conseguiram realizar pequenos trabalhos reais de engenharia, respondendo a solicitações das populações que tão bem nos receberam (tentando simular o que se passava no TO em termos de Assuntos Cívicos).

Destes incidentes, cito, como exemplo relevante, a situação real que encontramos na B-H, a resolução do “contrato anual do Hotel Park”, em Rogatica, que, revelando-se muito difícil, foi facilmente resolvida, graças à preparação prévia que nos foi exigida, desconhecendo-se, no entanto, quão importante seria mais tarde.

JE - Como batalhão de uma brigada com uma orgânica estabelecida, a sua adequação para a missão, por certo terá conduzido a algumas alterações. Quais as maiores dificuldades que considera terem surgido ?

J.C. - Quando foi recebida a missão, o 1º BIAT tinha cerca de 70% do seu efectivo pelo que foram necessários reforços específicos no Estado-Maior, em

alguns oficiais, sargentos e praças com qualificações especiais (caso dos mecânicos, enfermeiros, veterinários e pessoal de Transmissões). Dado que, a nível de batalhão, havia militares além do QO, decidi constituir uma pequena reserva com esse pessoal, para fazer face a ocasionais recompletamentos. Assim, estes militares realizaram toda a preparação conjuntamente com o pessoal nomeado.

Como comandante de batalhão, gostaria de ter à minha disposição os meios necessários e suficientes para treinar nas melhores condições possíveis, mas nem sempre se consegue essa situação desejável.

As maiores dificuldades surgiram na apresentação dos militares qualificados para operarem equipamentos específicos e, na falta de muitos desses equipamentos, para se poder praticar em condições adequadas. Refiro-me concretamente aos diferentes tipos de viaturas estacionadas na Bósnia, aos equipamentos especiais (lavandaria, banhos, cozinhas) e aos equipamentos rádio. Enfim, foi sempre muito difícil juntar tudo ao mesmo tempo.

JE - Com o treino orientado para a missão que desenvolveu na fase de preparação em Território Nacional, sentiu alguma dificuldade com o início das operações na Bósnia-Herzegovina?

J.C. - Durante a nossa preparação tivemos o cuidado de manter um contacto estreito com o batalhão que estava na Bósnia, preparámos um plano de rendição cuidado em conjunto com a unidade que rendíamos e executámos dois reconhecimentos ao terreno, de modo que

Patrulha executando uma missão durante o Inverno



sabíamos o que encontraríamos ao chegar ao Teatro de Operações, não havendo, por isso, grandes dificuldades.

Penso que o grande obstáculo foi a instalação definitiva do Batalhão nos seus locais de estacionamento, dado que o processo de transferência entre batalhões se desenrola num espaço temporal muitíssimo curto e intenso, embora decorra normalmente durante duas semanas. O Batalhão necessitou de cerca de um mês e meio para efectuar o reconhecimento completo de todo o sector, ao mesmo tempo que se iam sucedendo as missões e que se ia solidificando a confiança do pessoal.

Em resumo, acho ser natural que tenhamos experimentado e sentido algumas dificuldades nos primeiros dias, fundamentalmente enquanto não foram estabelecidas as rotinas necessárias para uma boa resposta geral, como veio a acontecer mais tarde.

JE - Estando a Bósnia-Herzegovina a caminhar num processo de paz, e abrangendo a Área de Operações do Batalhão comunidades de diferentes etnias, quais as principais ameaças que se depararam no cumprimento da missão?

J.C. - No contexto actual, as principais ameaças provêm, fundamentalmente, de acções individuais, de "snipers", de sabotagens nas instalações e viaturas, boicote generalizado às nossas forças e eventualmente a prisão de indiciados por crimes de guerra. Na nossa opinião, a ameaça mais real que recai sobre militares da SFOR no nosso sector são as pequenas acções individuais, de "snipers" ou não,

realizadas na tentativa de provocar e desestabilizar as forças da OTAN. Aconteceu, no primeiro semestre, com uma equipa de recolha de informações francesa em Visegrad, que, por um mero problema de rendas de casa, poderia ter originado uma complicação muito mais séria, já que a Divisão ainda considerou o emprego de parte da reserva divisionária.

Estas ameaças são de considerar de ambos os lados, embora a probabilidade seja mais alta do lado sérvio, acentuada agora pela ameaça da OTAN de intervenção na Sérvia ou no Kosovo (há notícias de que estarão combatentes sérvios no Kosovo).

Actualmente, o exército da República Sérvia não tem capacidade ofensiva e assiste-se a um processo acelerado de instrução e rearmamento do exército da Federação Croata-Muçulmana.

JE - Com uma presença de 6 meses num país estrangeiro e permanentemente em operações, num terreno e clima muito difíceis, como se adaptou a tropa portuguesa nesta missão?

J.C. - Muito bem. Entrámos no sector no Inverno e tivemos que o fazer com muito cuidado. Preocupava-nos o frio em geral, a condução de viaturas naquelas condições tão difíceis, e vinha à nossa recordação que tínhamos falhado o nosso treino na neve por uma semana, no nosso exercício final em Bragança. Enfim, ao estabelecermos regras apertadas, ao difundirmos informação adequada, alertando para os perigos do frio, e o facto de se prever um Inverno rigoroso, tudo funcionou como um estímulo para todos se adaptarem aos factos irreversíveis que encontramos. É de realçar que o fardamento fornecido ao batalhão foi

de boa qualidade e contribuiu, de modo significativo, para o bem-estar físico e psicológico do pessoal, actuando como um factor fortemente moralizador. Mesmo assim, foi muito difícil executar missões de *Chaimite*, sendo necessário encontrar soluções menos ortodoxas para se cumprirem todos os compromissos, mas, fazendo apelo ao tradicional espírito português e a um espírito de equipa notável, tudo se resolvia da melhor maneira e a contento de todos.

JE - Encontrando-se a tão grande distância de Portugal, sentiu alguma dificuldade na sustentação do Batalhão no decorrer da operação?

J.C. - Não posso dizer que houve grandes dificuldades na sustentação do Batalhão. Houve alguns problemas pontuais que eram resolvidos com os contactos com Portugal, através do Centro de Gestão de Material, a funcionar na BAI, em Tancos, e de alguns contactos pontuais com as Direcções. Todos, em Portugal, começam a estar mentalizados para os problemas logísticos relacionados com a sustentação das forças destacadas, de modo que estes, já começam a ser uma rotina perfeitamente normal. Nem mesmo a situação na Guiné e o cancelamento de alguns voos para a Bósnia nos trouxe problemas significativos, à excepção de alguns sobresselentes para viaturas que eram necessários, sem serem críticos.

JE - Como pode descrever o relacionamento com as entidades locais, com a população em geral e com as Organizações Não Governamentais (ONG)?

J.C. - Posso afirmar que o relacionamento do Batalhão com todas as entidades que mencionou era excelente de um modo geral, embora tivesse havido pequenas divergências, resolvidas sempre através de um diálogo franco. O 1º BIAT partiu do princípio de que a colaboração com todas as organizações (governamentais e não governamentais) era absolutamente fundamental e daí se fez um esforço enorme para incentivar e incrementar os contactos com organizações da ONU (IPTF, UNHCR), da ECMM (União Europeia), da OSCE, das dezenas de ONG sediadas em Gorazde e das autoridades locais. Foi um trabalho absorvente, em que os dois oficiais de assuntos civis não tinham um minuto de descanso, não só pelos seus afazeres em prol do Batalhão, mas também

Aspecto de uma operação de inspecção, em Kopaci



Resenha Histórica do BIAT

para poderem responder às inúmeras solicitações da Brigada e da Divisão, tendo conseguido que, pela primeira vez, a Divisão tivesse realizado uma primeira operação de assuntos civis em larga escala e escolhido um município sério do nosso sector (Cajnice).

Mas não nos podemos dar por satisfeitos quando trabalhamos assuntos civis, pois as solicitações não param de chegar ao PC do Batalhão, sendo necessário uma análise muito cuidada para satisfazer o pedido sem ferir susceptibilidades. O nosso destacamento de Engenharia, sendo um dos elos mais visíveis do Batalhão, esteve permanentemente ocupado durante cinco meses e meio (o resto do tempo foi para manutenção do equipamento).

O 1º Batalhão de Infantaria Aerotransportada faz parte da Brigada Aerotransportada Independente e tem o seu aquartelamento em Tomar.

A história do Batalhão prende-se com a criação do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas 21, em 1961, em Angola, e fazia então parte da Força Aérea Portuguesa, tal como os outros três Batalhões de Caçadores Pára-quedistas em África e o Regimento de Caçadores Pára-quedistas na Metrópole. Por acções de contra-insurreição em Angola entre 1961 e 1975, foi concedida ao BCP21 a Medalha de Ouro de Valor Militar. Pouco antes da independência de Angola, os homens do BCP21 foram os últimos militares portugueses a regressar de lá.

Sofreram depois uma importante e profunda reestruturação. Foi formado o Batalhão Pára-quedista nº 11 com os militares recém-chegados do antigo BCP21 e foi activada a Base Operacional de Pára-quedistas nº 1 (BOTP1) em Monsanto,

Lisboa. Em 1990, e após nova reorganização da Brigada Ligeira de Pára-quedistas, este Batalhão foi transferido para a Base Operacional de Pára-quedistas nº 2 (BOTP2) em S. Jacinto, Aveiro. O 1º Batalhão de Infantaria Aerotransportada é o legítimo herdeiro das tradições desse Batalhão.

A 31 de Dezembro de 1993, foram extintos o Corpo de Tropas Pára-quedistas na Força Aérea Portuguesa e o Regimento de Comandos do Exército e criado, a 1 de Janeiro de 1994, o Comando das Tropas Aerotransportadas como corolário da fusão dessas duas grandes unidades. O 1º Batalhão de Infantaria Aerotransportada foi então formado com militares oriundos do Regimento de Comandos que tiraram o curso de pára-quedistas em finais de 1993 e com militares do BP11. Aquartelados inicialmente em Tancos, foram definitivamente estacionados em Tomar, em Março de 1997, no Regimento de Infantaria 15.

Entrevista ao Comandante da CLog6

Os trabalhos preparatórios com vista ao levantamento da Companhia de Logística 6 iniciaram-se em 30 de Setembro de 1994, na Escola Prática de Administração Militar, no Lumiar. A Companhia terminou a sua missão em Angola, a 27 de Julho de 1998, com o regresso dos últimos 21 elementos. Serviram na Companhia de Logística 6 cerca de 500 militares, integrando as forças da UNAVEM III e, posteriormente, da MONUA.

O Major António Martins Gomes Leitão comandou a Companhia de Logística durante 16 meses.

JE - *Perante um território tão vasto e sendo a sua missão de apoio logístico, como é que foi optimizada a composição orgânica da companhia?*

G.L. - O Quadro Orgânico da Companhia de Logística 6, aprovado por despacho de 7 de Março de 1995 do General CEME, contemplava um Comando e Estado-Maior, um Pelotão de Apoio de Serviços e um Pelotão de Transportes, com um total de 111 militares.

Com o aumento das missões de apoio, surgiu a necessidade de reforçar a Companhia com dois pelotões de Transportes e material correspondente, passando, em 15 de Março de 1996, a contar com um total de 205 militares. Para o cumprimento das missões, foram estabelecidas três bases: Huambo

(Posto de Comando), Viana e Lobito. Desta forma, a composição orgânica da Companhia teve de ser adaptada, por forma a responder às solicitações efectuadas e à vida interna de cada uma das bases. O Pelotão de Apoio e Serviços tinha elementos nas três bases, dois dos pelotões de transportes encontravam-se no Huambo e um Pelotão(-) em Viana, com uma Secção no Lobito.

Chegada da CLog6 a Angola



JE - *No regresso de uma missão de um país tão longínquo, quais foram os obstáculos que se levantaram e como foram superados, tendo em consideração a quantidade de material a transportar?*

G.L. - A única dificuldade traduziu-se no reduzido efectivo (21 militares) que teve a missão de desmontar a Base de Viana, contentorizar o material e efectuar o movimento para o Porto de Luanda. Esta situação deveu-se ao facto de a Companhia ter que terminar a sua missão até à data limite estabelecida entre as Nações Unidas e Portugal (30 de Junho de 1998), acreditando o Comando da MONUA, em Luanda, que haveria lugar a mais um adiamento. Tal não se verificou, retirando o grosso da Companhia em 29 de Junho de 1998.

A operação de regresso correu de acordo com o planeado, não se registando dificuldades com o carregamento das viaturas e contentores.

Nesta operação, foi importante o apoio prestado pela Companhia de Transmissões 5 e pelo Destacamento Sanitário 7.

Os últimos elementos da Companhia de Logística partiram de Angola em 27 de Julho de 1998.

JE - *Sendo Angola um país atractivo para os Portugueses, houve alguma dificuldade em*



Aquartelamento da CLog6 no Huambo

executar o programa de rotações de pessoal?

G.L. - Efectivamente, Angola é um país muito atractivo para os Portugueses. Assim, a Companhia de Logística 6 não teve qualquer dificuldade em conduzir o seu programa de rotações de pessoal, sendo o número de pessoal oferecido largamente superior ao solicitado.

JE - Para a manutenção da operacionalidade da Companhia, quais foram os maiores problemas logísticos?

G.L. - O maior problema a enfrentar foi sem dúvida a distância entre Portugal e Angola, visto que os materiais seguiam por via marítima. Para contornar esta dificuldade, teve que ser efectuado um planeamento criterioso das necessidades,

por forma a formular os pedidos com a antecedência necessária.

JE - Como decorreu o relacionamento com as entidades locais, com a população em geral e com as Organizações Não Governamentais (ONG)?

G.L. - O relacionamento da Companhia de Logística com as diversas entidades foi sempre o melhor. A nível militar, com o Comando da UNAVEM III e MONUA, sempre se pautou por toda a correcção, tendo sido estabelecida uma boa relação. Com as autoridades locais, eclesiásticas e Organizações Não Governamentais, foi conduzido um significativo apoio humanitário, que em muito contribuiu para a melhoria do nível de vida das populações.

Coluna da CLog6 transportando contentores



Significativo foi também o relacionamento com a Embaixada de Portugal em Angola, tendo as actividades da Companhia sido objecto da melhor atenção por parte do Embaixador de Portugal e do Adido de Defesa. *JE*



Biografia
Comandante do 1º BIAT

O Tenente-Coronel Joaquim Cuba nasceu em 20 de Fevereiro de 1951, em Vila Viçosa. Em 1974, foi incorporado na EPI, onde frequentou o Curso de Oficiais Milicianos. Tendo tirado o Curso de Oficial Pára-quedista, foi mobilizado para Angola.

Em 1976, ingressou na Academia Militar, onde fez o Curso de Infantaria, regressando aos Pára-quedistas em 1979.

Foi 2º Comandante do Batalhão de Instrução da Escola de Tropas Aerotransportadas (ETAT) e Comandante do Batalhão de Comando e Serviços da ETAT. Desde Dezembro de 1996, passou a comandar o 1º Batalhão de Infantaria Aerotransportada (1º BIAT).

Entre outras, referem-se as seguintes condecorações: Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma, Medalha de Mérito Militar de 2ª classe, Medalha da NATO para a ex-Jugoslávia, Medalha da Missão de Monitores da União Europeia na ex-Jugoslávia, Ordem Militar de Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito e Medalha de Ouro de Serviços Distintos, sendo estas duas últimas colectivas.



Biografia
Comandante da CLog6

O Major António Leitão é natural de Castelo Branco, onde nasceu a 6 de Março de 1963.

Frequentou o IMPE e, na Academia Militar, concluiu o Curso de Infantaria.

Antes de assumir as actuais funções, comandou a Companhia de Logística 6, em Angola, durante 16 meses. Na Academia Militar foi professor de Tática de Infantaria.

Referem-se, entre outros, o Curso de Estados-Maiores Conjuntos e o Curso de Instrutores TOW.

Destacam-se: o louvor do General CEME e as condecorações com a Medalha de Prata dos Serviços Distintos e a das Nações Unidas - MONUA.